

HISTÓRIA DO BRASIL: COLÔNIA E IMPÉRIO

Ciências Sociais



HISTÓRIA DO BRASIL: COLÔNIA E IMPÉRIO
Ciências Sociais

Editores: Mônica Cidele da Cruz
Isaías Munis Batista
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Capa: Mandala “Diversidade Cultural”, da artista plástica Judite Malaquias

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Gráfica e Editora Sanches Ltda

CONSELHO EDITORIAL

Adailton Alves da Silva - UNEMAT
Angel Corbera Mori - UNICAMP
Antônio Malheiros - UNEMAT
Eunice Dias de Paula - SEDUC/CIMI
Jaime José Zitkoski – UFRGS
João Severino Filho - UNEMAT
Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira - UNEMAT
Lúcia Helena Alvarez Leite - UFMG
Lucimar Luísa Ferreira – UNEMAT
Maria Aparecida Bergamaschi - UFRGS
Maria Aparecida Rezende - UFMT
Mônica Cidele da Cruz - UNEMAT
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira - UNEMAT

Online - e - Impresso

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

O48h Oliveira, Carlos Edinei de.
História do Brasil: Colônia e Império / Carlos Edinei
de Oliveira. – Cuiabá: VT Print, 2021.
65. p. (Ciências Sociais).

ISBN 978-65-00-25151-7

1. Brasil, História. 2. Brasil, Portugueses. 3. Brasil,
Presença Indígena. 4. Trabalho Escravo. 5. Brasil
Colonial. 6. Brasil Império. I. Título. II. Título:
Colônia e Império.

CDU 94(817.2)

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| FICHA DE IDENTIFICAÇÃO..... | 5 |
| APRESENTAÇÃO | 6 |
| UNIDADE 1 | 7 |
| MINHA HISTÓRIA DE VIDA E A HISTÓRIA DO MEU POVO | |
| UNIDADE 2 | 23 |
| A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL E A PRESENÇA INDÍGENA | |
| UNIDADE 3 | 31 |
| OS NEGROS AFRICANOS E O TRABALHO ESCRAVO | |
| UNIDADE 4 | 42 |
| RETRATOS DO BRASIL COLONIAL | |
| UNIDADE 5 | 53 |
| OS INDÍGENAS NO IMPÉRIO BRASILEIRO | |
| REFERÊNCIAS | 61 |
| BIOGRAFIA DO AUTOR..... | 63 |

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Prezado(a) acadêmico(a), gostaria que você se apresentasse preenchendo essa ficha de identificação.

Nome completo: _____

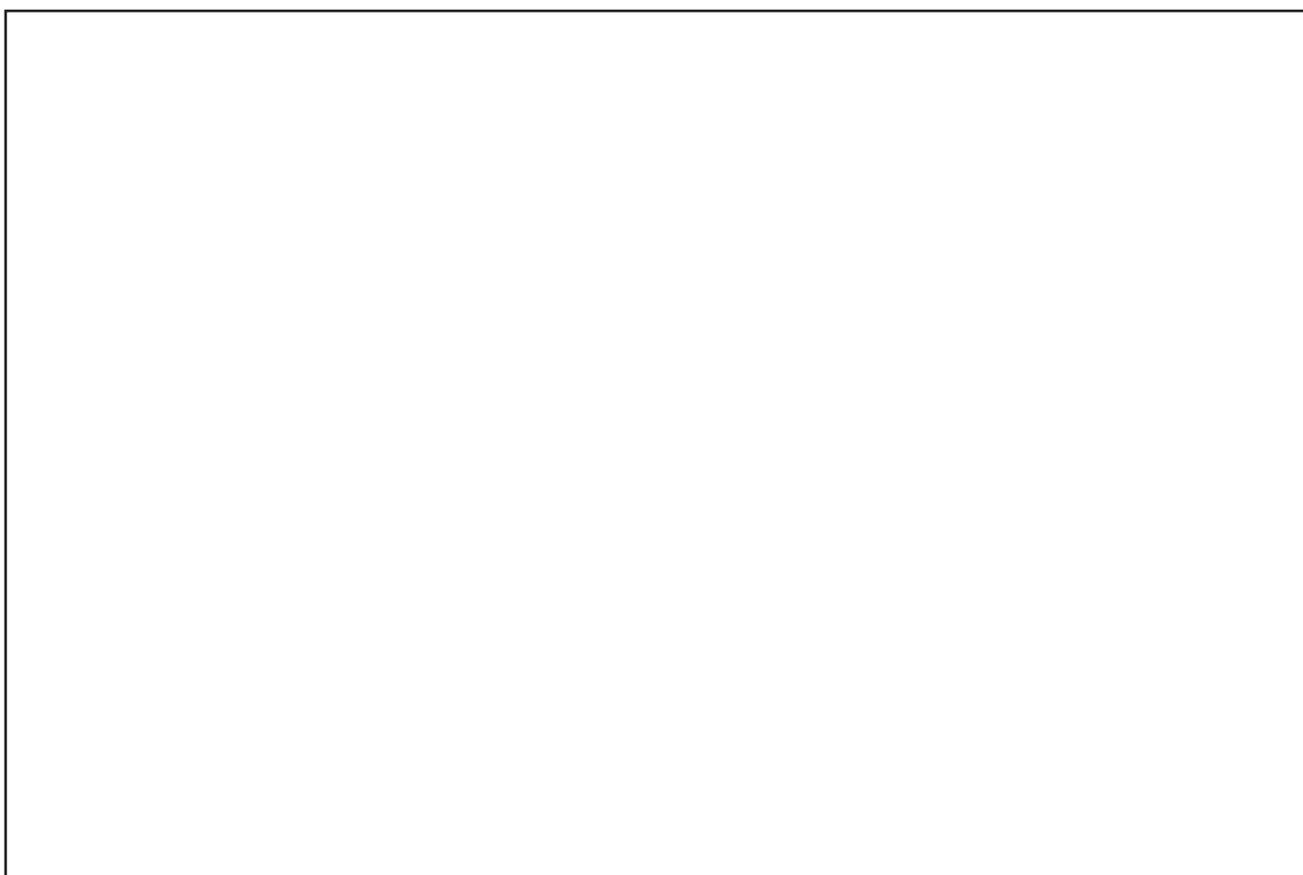
Povo: _____

Onde mora: _____

Telefone celular (WhatsApp): _____

E-Mail: _____

Insira a seguir uma fotografia individual sua:



APRESENTAÇÃO

Prezado(a) acadêmico(a), apresento a você o Caderno Pedagógico Intercultural da disciplina de História do Brasil: Colônia e Império. Este é um material para aprendizagem e interação com os conteúdos da disciplina e uma proposta de prática pedagógica que, como professor(a), você poderá realizar em sala de aula com seus alunos.

Nesta disciplina, a História do Brasil: Colônia e Império, serão apresentados, no desenvolvimento, os seguintes temas:

- 1. Minha história de vida e a história do meu povo**
- 2. A chegada dos portugueses ao Brasil e a presença indígena**
- 3. Os negros africanos e o trabalho escravo**
- 4. Retratos do Brasil colonial**
- 5. Os indígenas no Império brasileiro**

Você encontrará neste caderno, textos e fontes históricas para leituras e análises, assim como espaços para elaboração das atividades. Também apresentamos sugestões de vídeos que poderão ser assistidos no YouTube. Os vídeos auxiliarão na compreensão dos conteúdos e ampliação do seu repertório sobre o conhecimento da História do Brasil. Para uma melhor interpretação dos textos, é importante acompanhar a leitura com um dicionário de língua portuguesa.

Agora, você vai começar o estudo sobre a História do Brasil, porém, antes de começar a estudar sobre o período colonial e imperial brasileiro, vamos fazer um exercício etnográfico sobre sua história de vida.

UNIDADE 1

MINHA HISTÓRIA DE VIDA E A HISTÓRIA DO MEU POVO

Todos nós temos uma história de vida, nascemos em um determinado tempo histórico em que muitos fatos aconteceram e crescemos acompanhando a história da nossa família, da comunidade, do estado, do país e do mundo.

Das muitas vivências, temos muitas lembranças, temos muitas memórias. “A memória é um fenômeno atual, um elo vivido no eterno presente” (NORA, 1993, p. 9). A história de vida trabalha com o relato de vida, ou seja, com a história contada por quem a vivenciou.

Sua história de vida é o relato que você faz, como informante, sobre sua existência, quando tenta reconstruir os acontecimentos que você vivenciou ao longo do tempo. A escrita da sua história de vida se faz a partir do registro dos seus depoimentos.

Neste momento, solicitamos que você construa narrativas sobre sua vida, e que possa, posteriormente, reapropriar-se dessas narrativas como caminho para o fortalecimento da identidade do povo do qual faz parte, e que a leitura posterior de sua história de vida possa lhe possibilitar nova interpretação e elaboração da sua maneira de viver.

Vamos realizar algumas atividades!

1. Agora, você vai escrever sobre sua história de vida. Veja o roteiro de questões a seguir, use as perguntas e respostas e escreva sua biografia.

Biografia - Relato não ficcional de uma série de eventos que constituem a vida (ou parte da vida) de uma pessoa, em geral notável por seus feitos ou obras. (BIOGRAFIA. Michaelis. Dicionário brasileiro de língua portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/biografia>. Acesso em 14 jan. 2021.

Roteiro de questões

- a) Qual é seu nome completo?
- b) A qual povo indígena você pertence?
- c) Qual a data do seu nascimento?
- d) Onde você nasceu?
- e) Quais línguas você fala?
- f) Quais os nomes dos seus pais? Estão vivos?
- g) O que você fazia quando era criança?
- h) Quais eram suas principais brincadeiras quando criança?
- i) Escreva sobre as suas lembranças de sua vida de criança.
- j) Onde você passou a maior parte da sua vida de criança?
- k) Quando você teve contato com a escola pela primeira vez?
- l) Quem foram seus professores quando você era criança?
- m) Quando você teve o primeiro contato com o não índio?
- n) Quais são suas lembranças da sua vida de jovem, antes do casamento?
- o) Onde você estudou o ensino fundamental?
- p) Onde você estudou o seu ensino médio?
- q) Você se casou?

2. Vamos conhecer um pouco da biografia de Davi Kopenawa, xamã e porta voz Yanomami

Davi Kopenawa nasceu por volta de 1956, em Marakana, grande casa comunal de cerca de duzentas pessoas, situada na floresta tropical de Piemonte do alto rio Toototobi, no extremo norte do Estado do Amazonas, próximo à fronteira com a Venezuela. Desde o final da década de 1970 reside na comunidade de seus sogros, no sopé da “Montanha do Vento” (Watoriki), na margem direita do rio Demini, a menos de cem quilômetros a sudeste do rio Toototobi.

Quando criança, Davi Kopenawa viu seu grupo de origem ser dizimado por duas epidemias sucessivas de doenças infecciosas propagadas por agentes do SPI (1959-60), e depois, por membros da organização norte-americana New Tribes Mission (1967). Foi submetido por algum tempo ao proselitismo desses missionários, que se estabeleceram no rio Toototobi a partir de 1963. Deve a eles seu nome bíblico, a aprendizagem da escrita e um apanhado pouco atraente do cristianismo. Apesar da curiosidade inicial, não demorou a se indignar com seu fanatismo e obsessão pelo pecado. Rebelou-se finalmente contra sua influência no final da década de 1960, após ter perdido maior parte dos seus durante uma epidemia de varíola, transmitida pela filha de um dos pastores.

Adolescente e órfão, revoltado por sucessivos lutos devido às doenças dos brancos, mas ainda intrigado pelo seu poderio material, Davi Kopenawa deixou sua região natal para trabalhar num posto da Fundação Nacional do Índio (Funai), no baixo rio Demini, em Ajuricaba. Lá, se esforçou, em suas próprias palavras, para “virar branco”. Tudo o que conseguiu foi contrair tuberculose. Essa desventura lhe valeu uma longa permanência no hospital, onde aproveitou para aprender alguns rudimentos de português. Uma vez curado, pôde voltar a sua casa no rio Toototobi, mas só por algum tempo. Em 1976, após a abertura da Perimetral Norte, foi contratado como intérprete da Funai. Assim, durante alguns anos, percorreu quase toda a terra Yanomami, tomando consciência de sua extensão e de sua unidade cultural, para além das diferenças

locais. A experiência lhe deu também um conhecimento mais preciso da obsessão predatória dos que ele chama de “Povo da Mercadoria”, e da ameaça que ela representa para a permanência da floresta e a sobrevivência de seu povo.

FONTE: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Prólogo, p. 45-46.

3. Agora, vamos interpretar o texto sobre Davi Kopenawa.

a) Por que Davi Kopenawa é um porta-voz do povo Yanomami?

b) O que significa, no texto, a expressão “Povo da Mercadoria”?

c) Após a leitura do texto, pense no seu povo e responda:
Seu povo já foi influenciado por algum grupo missionário?

d) Seu povo já sofreu com alguma epidemia ou pandemia?
Quais?

e) Já ocorreram mortes por questões epidemiológicas?

4. Vamos estudar um pouco sobre a História dos povos indígenas na História do Brasil. Para tanto, vamos ler alguns textos:

O povo Chiquitano

O povo Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho habita esse local há mais de século. Atualmente, tem uma população de aproximadamente 100 habitantes com 16 famílias. O povo vem lutando pela demarcação de suas terras, que poderá assegurar a continuidade de sua identidade cultural, pois hoje estão em apenas 25 hectares de terra, que não são suficientes para desenvolver as atividades necessárias à sobrevivência.

Atualmente, o povo está em processo de revitalização da língua materna e da prática das danças culturais e de seus costumes.

(FONTE: CHUE, Saturnina Urupe. Artesanato do povo Chiquitano. Cáceres: Unemat Editora, 2013, p. 13.)

Sobre o povo Irantxe/Manoki

O povo Irantxe, também conhecido como Manoki, localiza-se a Noroeste do Estado de Mato Grosso, no Município de Brasnorte, e conta com uma população de aproximadamente 400 pessoas, vivendo em uma área de 45.555 hectares.

O povo Irantxe teve seu primeiro contato com a sociedade ocidental em 1900, época marcada por histórias tristes e sangrentas. Naquele tempo, existiam cerca de 1.200 pessoas, mas com os massacres e doenças, com o tempo, a população foi reduzida para 50 indivíduos, que foram responsáveis pelo crescimento da população novamente.

Devido ao conflito direto com a frente expansionista da borracha e com outras etnias, foram obrigados a sair de suas terras de origem e buscar proteção na Missão Jesuítica de Utiariti. Lá, aprenderam a trabalhar com vários instrumentos que ainda não conheciam e adquirir conhecimentos de outras culturas, como usar roupas, praticar a religião católica e realizar casamentos interétnicos, como forma de impedir que mantivessem os seus costumes tradicionais.

Só em 1970, os padres, vendo o surgimento de leis que proibiam a remoção dos povos indígenas de suas terras tradicionais, resolveram demarcar a terra. O povo Irantxe retorna a uma área que não é realmente a sua, onde hoje mora, mas luta pela demarcação da terra onde moravam e onde foram enterrados os seus ancestrais.

(FONTE: MAMPUCHE, Edivaldo Lourival. Catálogo da cultura do povo indígena Irantxe/Manoki: artesanatos e pinturas corporais. Cáceres: Unemat Editora, 2013. p. 15.)

5. Agora, vamos analisar os textos lidos sobre os Chiquitano e os Irantxe. Responda com atenção às questões a seguir:

a) Há aproximadamente quanto tempo o povo Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho habita o seu território?

b) Qual a principal luta do povo Chiquitano em relação à sua terra?

c) Qual a importância da demarcação da terra para um povo indígena?

d) O que significa para os povos indígenas a manutenção da língua materna?

e) Em qual município do Estado de Mato Grosso habita o povo Irantxe/Manoki?

f) Como foi o primeiro contato do povo Irantxe com a sociedade ocidental?

g) Por que o povo Irantxe saiu do seu território tradicional?

h) Qual é a principal causa da luta atual do povo Irantxe/Manoki?

i) Escreva um texto tendo como referência elementos citados nos textos anteriores sobre o seu povo.

6. Na construção da História do seu povo, o que você pode informar sobre:

a) Onde é o território original do seu povo?

b) Onde é o território atual do seu povo?

c) As terras indígenas que você reside são demarcadas? Quando foram demarcadas?

d) Qual o número da Lei que demarca suas terras indígenas?

e) Como foi o primeiro contato do seu povo com a sociedade ocidental?

f) Quais os problemas que ocorreram com o seu povo em relação ao contato com os não indígenas?

g) Seu povo é falante de quais línguas?

h) Qual é a língua mais falada em sua comunidade?

i) A língua tradicional é ensinada na escola?

j) Escreva uma frase na língua tradicional e faça sua tradução a seguir.

k) Seu povo já participou de missões religiosas ou já esteve em missões religiosas?

l) Qual é a luta atual do seu povo?

7. Leia o texto a seguir:

Terra e Território

Todos nós sabemos que os índios precisam de terra para viver. Sabemos que, tradicionalmente, vivem do que plantam, pescam, caçam e coletam. Essas atividades são desenvolvidas ao longo de cada ano, seguindo um calendário que acompanha os ciclos da natureza: chuva, vazante dos rios, seca e início das chuvas, quando os rios voltam a subir.

Entre as muitas plantas que os índios cultivam estão os vários tipos de mandioca, o amendoim, a abóbora, o feijão e o milho. Os índios sabem que para obter bons alimentos é necessário fazer o plantio em um solo descansado. E, por isso, mudam suas roças em determinados intervalos, dando tempo ao solo para que se recupere.

Outra atividade importante é a pesca – em rios, igarapés e lagoas –, para a qual são adotadas as mais diversas técnicas, em diferentes épocas do ano, adaptando-se à variedade e à quantidade de peixes de cada estação e de cada habitat.

Assim como a pesca e a agricultura, as condições de caça também variam de acordo com as estações. O conhecimento dos hábitos dos animais está intimamente associado ao conhecimento das árvores e de seus frutos, das quais tanto os homens quanto os animais se alimentam.

(FONTE: VALADÃO, Virgínia. Índios do Brasil 2. Secretaria de Educação a Distância, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC: SEED: SEF, 2001. p. 81.)

8. Tendo como referência os excertos do texto “Terra e Território”, explique as seguintes questões:

“Todos nós sabemos que os índios precisam de terra para viver. Sabemos que, tradicionalmente, vivem do que plantam, pescam, caçam e coletam” (VALADÃO, 2001, p. 81).

a) Explique como seu povo realiza essas atividades de plantar, pescar, caçar e coletar.

“Entre as muitas plantas que os índios cultivam estão os vários tipos de mandioca, o amendoim, a abóbora, o feijão e o milho” (VALADÃO, 2001, p. 81).

b) Quais são as plantas cultivadas por seu povo na roça?

“Os índios sabem que para obter bons alimentos é necessário fazer o plantio em um solo descansado. E, por isso, mudam suas roças em determinados intervalos, dando tempo ao solo para que se recupere” (VALADÃO, 2001, p. 81).

c) Explique como seu povo organiza a roça.

“Outra atividade importante é a pesca – em rios, igarapés e lagoas –, para a qual são adotadas as mais diversas técnicas, em diferentes épocas do ano, adaptando-se à variedade e à quantidade de peixes de cada estação e de cada habitat” (VALADÃO, 2001, p. 81).

d) Explique como vocês realizam a pesca.

“O conhecimento dos hábitos dos animais está intimamente associado ao conhecimento das árvores e de seus frutos, das quais tanto os homens quanto os animais se alimentam” (VALADÃO, 2001, p. 81).

e) Explique um processo de caça.

O território indígena foi formado inicialmente sem limites precisos. A entrada nos espaços para a realização das roças, da caça e da coleta deu aos povos indígenas o domínio de um território. As fronteiras entre os territórios de diferentes povos eram marcadas por lugares naturais, como rios, montanhas, serras e outros.

Com a chegada dos europeus, a partir de 1500, no território que hoje denominamos Brasil, vários territórios tradicionais indígenas foram impactados.

Para os colonizadores portugueses, os povos indígenas deveriam ser conquistados e dominados, e os territórios indígenas

deveriam ser explorados em nome da Coroa portuguesa.

9. Leia o texto a seguir:

O confronto de conceitos: territórios e reservas

Para os portugueses, os índios representavam povos a conquistar e dominar; e seus territórios constituíam zonas de exploração, em benefício da Coroa portuguesa. Pretendia-se que fossem “salvos” do paganismo e convertidos à religião católica: os jesuítas se dedicaram a “amansar” e catequizar os nativos, em colaboração com o projeto de conquista colonial.

Capturados e escravizados pelos colonos, ou segregados pelos missionários jesuítas em “aldeamentos”, os índios perderam o direito a falar sua língua de origem, misturando-se a outros povos indígenas e sendo todos explorados igualmente como mão-de-obra; os que conseguiam escapar à dominação fugiam para o interior.

(FONTE: VALADÃO, Virgínia. Índios do Brasil 2. Secretaria de Educação a Distância, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC: SEED: SEF, 2001. p. 83.)

10. Em relação ao texto “O confronto de conceitos: territórios e reservas”, existe alguma história semelhante que seu povo tenha vivido? Se houver, explique.

Veremos um pouco dessas questões ao estudarmos a História do Brasil Colônia.

UNIDADE 2

A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL E A PRESENÇA INDÍGENA

A narrativa tradicional da História do Brasil colonial destaca que o Brasil foi descoberto pelos portugueses, sob o comando de Pedro Álvares Cabral, no dia 22 de abril de 1500. A chegada dos portugueses ao Brasil ocorreu no período em que Portugal e Espanha exploravam o Oceano Atlântico, evento denominado de “Grandes Navegações”. Nesse tempo, os reis desses países estavam em busca de novas terras para explorarem. Em 1492, navegando pela Espanha, Cristóvão Colombo chegou à América, o que fez com que as expectativas dos portugueses também fossem ampliadas em relação à posse de novas terras e descoberta de riquezas.

Os portugueses alcançaram essas expectativas chegando ao Brasil, com 13 caravelas, no ano de 1500, porém, dias depois de tomarem posse da nova terra, seguiram em direção às Índias. Os portugueses mantinham relações comerciais com as Índias, eles comercializavam especiarias, como: canela, cravo, gengibre, noz-moscada, pimenta, seda e outras, para serem negociadas na Europa.

Os portugueses só começaram a colonizar a nova terra, ou seja, o Brasil, a partir de 1530, com a expedição organizada por Martin Afonso de Souza. Essa medida de ocupar a terra com a expedição colonizadora foi para evitar que o Brasil pudesse ser invadido por outros europeus, como os franceses, os holandeses ou os ingleses.

Para a Coroa portuguesa, a colonização seria uma das formas de ocupar e proteger as terras brasileiras, tornando-as lucrativas, para tanto, começaram a realizar o plantio da cana-de-açúcar para comercializá-la na Europa.

A colonização de parte das terras do Brasil em 1530 marca cronologicamente o início da História Colonial brasileira.

O que diz a fonte histórica?

A terra do Brasil, que está na América [...] não se descobriu de propósito e principal intento, mas acaso, indo Pedro Álvares Cabral, por mandado de el rei Dom Manuel no ano 1500 para a Índia [...]. Afastando-se da costa da Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou estoura ao Ocidente, da qual não havia notícia alguma; foi a costeando alguns dias com tormenta até chegar a um porto seguro, do qual a terra vizinha ficou com o mesmo nome. Ali desembarcou o dito capitão com os seus soldados armados para pelejarem, porque mandou primeiro um batel com alguns a descobrir campo, e deram novas de muitos gentios que viram; porém não foram necessárias armas, porque [eles] se chegaram pacificamente aos nossos.

[FONTE: Esse texto, do primeiro livro de história do Brasil, foi escrito em Salvador, na Bahia, por frei Vicente do Salvador, em 1627. Primeira parte “Do descobrimento do Brasil”]

| O significado de algumas palavras do texto “Do descobrimento do Brasil” | |
|---|---------|
| estrouta | outra |
| pelejarem | lutarem |
| Batel | bote |
| gentios | índios |

O texto acima, do frei Vicente do Salvador, escrito em 1627, é uma fonte histórica para a pesquisa e o ensino de História do Brasil.

Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente. As fontes históricas são as marcas da história.

(FONTE: BARROS, José D’Assunção. Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 15.)

Para a historiadora Verena Alberti (2019), praticamente toda produção humana serve à história como fonte.

[...]documentos textuais, manuscritos e impressos (livros, jornais, revistas, cartas, processos criminais (...), documentos sonoros (discursos, músicas, canções, entrevistas gravadas em áudio), imagens (cartazes, pinturas, desenhos, fotografia, cartões-postais, charges, histórias em quadrinho, mapas, gráficos, anúncios impressos), documentos audiovisuais (filmes, programas de televisão, entrevistas filmadas, anúncios em vídeo, videocliques), achados arqueológicos, edificações, objetos, esculturas, ferramentas, vestimentas, utensílios etc.

(FONTE: ALBERTI, Verena Fontes. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Dicionário de ensino de História. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 107.)

Vamos realizar algumas atividades!

1. Agora vamos analisar a FONTE HISTÓRICA, ou seja, o excerto do livro do frei Vicente do Salvador.

a) Quem produziu a escrita do texto (da fonte histórica)?

b) Quando foi produzido?

c) Onde a fonte foi produzida?

d) Para quem esse documento (fonte) foi produzido?

2. Agora vamos interpretar o texto da fonte histórica escrita por frei Vicente do Salvador.

O que o autor escreveu nestas partes do texto?

a) A terra do Brasil, que está na América [...] não se descobriu de propósito e principal intento, mas acaso, indo Pedro Álvares Cabral, por mandado de el rei Dom Manuel, no ano 1500, para a Índia [...].

a) Ali desembarcou o dito capitão com os seus soldados armados para pelejarem (...).

b) (...) mandou primeiro um batel com alguns a descobrir campo, e deram novas de muitos gentios que viram; porém não foram necessárias armas, porque [eles] se chegaram pacificamente aos nossos.

O texto do frei Vicente do Salvador mostra uma narrativa contada pela referência dos conquistadores europeus, pelos portugueses e seus descendentes. É preciso entender que quando os portugueses chegaram ao Brasil, já havia os índios, uma quantidade significativa de culturas diferentes devido à existência de inúmeras etnias. Neste sentido, os portugueses vieram tomar posse de uma terra que já tinha dono, muitos donos.

Se as terras do Brasil eram habitadas por diversos povos indígenas, significa que os portugueses vieram conquistar novas terras para a Coroa portuguesa.

O Brasil que se forma a partir de 1500 foi constituído por meio de uma perspectiva europeia, o povo que dominou a população que já residia neste território. Este território, antes dos europeus chegarem, já tinha história. Na verdade, história no plural, porque dentro desta parcela da América, centenas de nações compartilhavam deste mesmo espaço e não se sabe até hoje há quanto tempo isso ocorre. Ou seja, a habitação deste lugar é em um tempo tão remoto a ponto de não conseguirmos mensurá-lo. Há também muitos povos indígenas que dizem se originarem deste chão e a partir daqui se dispersarem para outros lugares do mundo.

(FONTE: KEZO, Luciano Ariabo. Revendo a historiografia do Brasil. Letra indígena. n. 8. v. 1. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens, 2014.)

3. Depois da leitura de diversos textos anteriores, responda:

a) O Brasil foi descoberto ou conquistado pelos portugueses? Explique sua resposta.

A música *Chegança*, do compositor pernambucano Antônio Nóbrega, apresenta uma leitura sobre a chegada dos portugueses ao Brasil e sua relação com diversos povos indígenas e as consequências desse contato.

4. Faça um desenho ao lado de cada estrofe da letra da música que possa representá-la.

Chegança

Antônio Nóbrega

Sou Pataxó,
Sou Xavante e Cariri,
Ianonami, sou Tupi
Guarani, sou Carajá.
Sou Pancaruru,
Carijó, Tupinajé,
Potiguar, sou Caeté,
Ful-ni-o, Tupinambá.



Depois que os mares dividiram
os continentes
Quis ver terras diferentes.
Eu pensei: "vou procurar
Um mundo novo,
Lá depois do horizonte,
Levo a rede balançante
Pra no sol me espreguiçar".



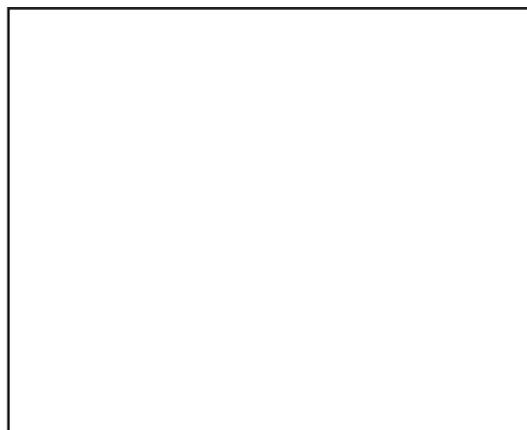
‘Eu atraquei
Num porto muito seguro,
Céu azul, paz e ar puro...
Botei as pernas pro ar.
Logo sonhei
Que estava no paraíso,
Onde nem era preciso
Dormir para se sonhar.



Mas de repente
Me acordei com a surpresa:
Uma esquadra portuguesa
Veio na praia atracar.
Da grande-nau,
Um branco de barba escura,
Vestindo uma armadura
Me apontou pra me pegar.



E assustado
Dei um pulo da rede,
Pressenti a fome, a sede,
Eu pensei: "vão me acabar".
Me levantei de borduna já na
mão.
Ai, senti no coração,
O Brasil vai começar.



Para ouvir a música, existem várias produções no YouTube, indicamos o fonograma da Coleção Batuque Batuta – Música na Escola, da Editora Somos, de autoria de Márcio Coelho e Ana Favaretto.

Link para ouvir a música: https://www.youtube.com/watch?v=t4Bp_iQ5Jko

A chegada dos portugueses ao território que conhecemos como Brasil produziu o seu despovoamento indígena. Os índios do litoral brasileiro, os primeiros a serem contactados pelos europeus, foram envolvidos em guerras indígenas e no trabalho escravo.

No trabalho de catequização, os missionários jesuítas se aproveitaram dessa associação feita pelos índios entre o europeu e os grandes pajés nativos. Os padres, como José de Anchieta, concorriam com os pajés em seu discurso e em suas práticas. Muitos grupos indígenas aceitaram o abrigo nos aldeamentos jesuítas, sob a proteção espiritual dos missionários. Outros fugiram para o interior, temendo igualmente os padres e os soldados portugueses.

(FONTE: FAUSTO, Carlos. História. Índios do Brasil 1. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. Brasília: MEC: SEED, 1999.)

Depois de um século que os portugueses chegaram ao Brasil, uma parcela significativa da população brasileira já havia sido dizimada, um número significativo morreu nas guerras de conquista, e posteriormente, nas expedições, como as Entradas e Bandeiras, realizadas pelos paulistas para apresar índios e vendê-los como escravos e pelas doenças epidêmicas trazidas pelos conquistadores.

UNIDADE 3

OS NEGROS AFRICANOS E O TRABALHO ESCRAVO

A primeira forma de trabalho escravo no Brasil, principalmente até meados do século XVII, foi a utilização de indígenas, eles eram denominados de “negros da terra”. A presença dos índios no território brasileiro favorecia aos conquistadores a escravidão. Porém os padres jesuítas que vieram para o Brasil escolheram os indígenas como um rebanho a serem convertidos para o catolicismo. Essa ação dos jesuítas criava conflito com os colonos portugueses.

Em 1570, foi criada uma lei proibindo a escravização dos índios, mas, apesar da lei, os índios continuaram sendo escravizados, sobretudo em locais que não havia uma economia mais consolidada da cana-de-açúcar.

Na década de 1530, os portugueses implantaram o sistema de capitanias hereditárias e deram início ao processo de colonização do Brasil. O plantio da cana-de-açúcar e o desenvolvimento de engenhos para produzir açúcar foram incentivados. Para realizar o trabalho de plantio, colheita e produção do açúcar foi utilizada a mão-de-obra indígena e, posteriormente, o uso do negro trazido da África, a partir de 1550, como escravo.

Os negros africanos chegavam ao Brasil como uma mercadoria valiosa, que movimentava o comércio europeu, por meio do tráfico negreiro. Os negros foram trazidos durante três séculos para serem escravos nas lavouras de cana-de-açúcar, para explorarem as jazidas de ouro e diamante, para trabalharem nas diversas lavouras, principalmente na produção do café, dentre outras atividades realizadas por eles como escravos.

Os negros produziram diversas formas de resistência à escravidão, seja realizando fugas coletivas ou individuais, fazendo revoltas contra seus senhores, se recusando a trabalhar ou executando trabalho de forma inadequada, mesmo que

recebessem castigos físicos, e criando quilombos.

A escravidão no Brasil foi uma instituição extremamente cruel e desumana, e a imagem do trabalhador escravo ficou associada à cor de sua pele. A escravidão no Brasil foi abolida pela Lei Áurea em 1888, oficialmente durou três séculos, mais de 300 anos. O preconceito e o racismo estrutural marcam a sociedade brasileira até o presente tempo.

Vamos realizar algumas atividades!

1. Vamos responder às questões a seguir:

a) Quem era denominado pelos portugueses de “negros da terra”?

b) Explique o uso do indígena como mão-de-obra escrava.

c) Como foi o processo de resistência indígena à escravidão?

d) Escreva um parágrafo sobre a escravidão negra no Brasil.

e) Pesquise na internet o significado da expressão “racismo estrutural”.

f) Como os negros resistiram à escravidão?

g) Complete o quadro a seguir:

| Ano | O que aconteceu em relação à escravidão no Brasil? |
|----------------|--|
| Década de 1530 | |
| 1550 | |
| 1570 | |
| 1888 | |

O francês Jean-Baptiste Debret foi um importante pintor e desenhista. Ele nasceu no dia 18 de abril de 1768, em Paris, e faleceu na mesma cidade, em 28 de junho de 1848. Debret integrou a Missão Artística Francesa, que chegou ao Brasil em 26 de março de 1816.

Pelas obras de Debret, consideradas fontes para o estudo da História, podemos compreender a cultura brasileira da primeira

metade do século XIX. As obras de Debret nos permitem realizar algumas leituras sobre a questão indígena e a escravidão negra no período do Império brasileiro.

2. Veja as imagens a seguir: “Bandeirantes combatendo índios Botocudo” e “Família Guarani capturada por caçadores de escravos”, ambas de Debret. Vamos analisá-las como fontes históricas.

Fig.01 – Jean-Baptiste Debret / Obra – Bandeirantes combatendo índios Botocudo/ Obra de domínio público



(FONTE: Jean-Baptiste Debret: 40 imagens para ver e baixar. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/2019/jean-baptiste-debret-40-imagens-para-ver-e-baixar/>. Acesso em 01 fev. 2021)

a) Em relação à imagem (Figura 01), responda às seguintes questões:

Quem é o autor da imagem?

O que você consegue ver na imagem?

O que esta imagem representa?

Em relação à escravização indígena, o que a imagem destaca?

Fig. 02 – Jean-Baptiste Debret / Obra – Família Guarani capturada por caçadores de escravos / Obra de domínio público



(FONTE: Jean-Baptiste Debret: 40 imagens para ver e baixar. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/2019/jean-baptiste-debret-40-imagens-para-ver-e-baixar/>. Acesso em 01 fev. 2021).

b) Em relação à imagem (Figura 02), responda às seguintes questões:

Quem é o autor da imagem?

O que você consegue ver na imagem?

O que esta imagem representa?

Em relação à escravização indígena, o que a imagem destaca?

3. Vamos ler parte do texto “Os Escravos de ganho do Rio de Janeiro do Século XIX”, escrito por Luiz Carlos Soares.

Na primeira metade do século XIX, a presença de grandes contingentes de escravos nas ruas do Rio de Janeiro foi um fenômeno muito comum, que impressionou inclusive a muitos viajantes estrangeiros que visitaram a cidade. Uma parcela considerável desses cativos era constituída pelos escravos de ganho. Estes desenvolviam as mais diversas modalidades de comércio ambulante, carregando as suas mercadorias em cestos e tabuleiros à cabeça, ou transportavam, sozinhos ou em grupos, os mais variados tipos de carga, ou ainda ofereciam os seus serviços em quaisquer eventualidades, até mesmo no transporte de pessoas em seus ombros pelas ruas da cidade nos dias chuvosos ou carregando em suas cabeças barris com os dejetos das residências, que à noite eram jogados no mar.

Os escravos de ganho eram mandados pelos seus senhores à rua, para executar as tarefas a que estavam obrigados, e no fim do dia tinham que entregar a seus proprietários uma determinada quantia por eles previamente estipulada. Existiam também aqueles senhores que preferiam estipular aos seus cativos o pagamento de uma quantia semanal,

enquanto outros, em número bem reduzido, exigiam-lhes um pagamento mensal. Com o dinheiro recebido dos escravos de ganho, muitos senhores garantiram o seu sustento e o de suas famílias.

Entretanto, seria um grande equívoco considerar como escravos

ganho somente aqueles cativos que trabalhavam no chamado ganho de rua (comércio ambulante e transporte de carga). Jean Baptiste Debret, atento às particularidades da escravidão urbana, incluiu entre os “negros de ganho”, além dos vendedores ambulantes e dos carregadores, os operários, os marinheiros e os quitandeiros de loja. O pintor francês ainda forneceu indicações de que muitos escravos barbeiros, cirurgiões e pescadores também trabalhavam sob o regime de ganho.

(FONTE: SOARES, Luiz Carlos. Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX. Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 8 n. 16. p. 107-142. mar/ago. 1988. p. 107-108.)

4. Agora vamos interpretar o texto:

a) O autor escreve sobre os escravos de ganho de qual cidade?

b) Quem ficou impressionado com os escravos de ganho?

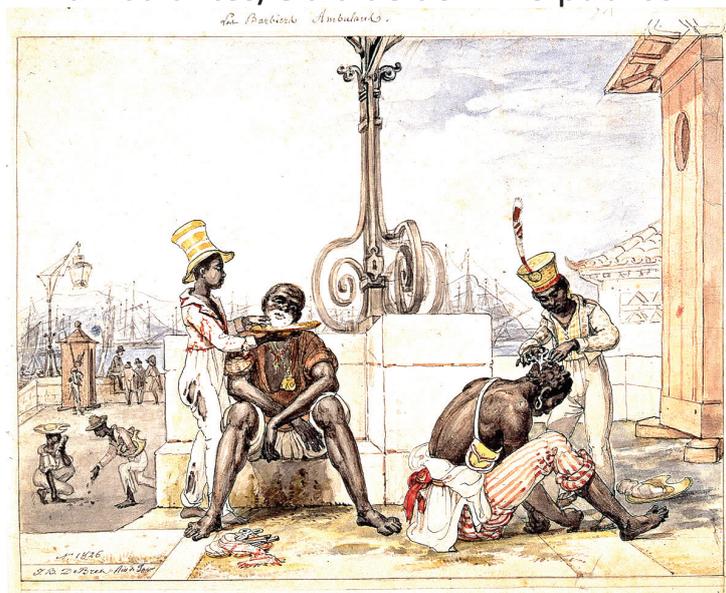
c) O texto retrata os escravos de ganho de qual século?

d) O que era o escravo de ganho?

e) Quais tipos de serviços faziam os escravos de ganho?

5. Veja agora as imagens de Debret que representam os escravos de ganho.

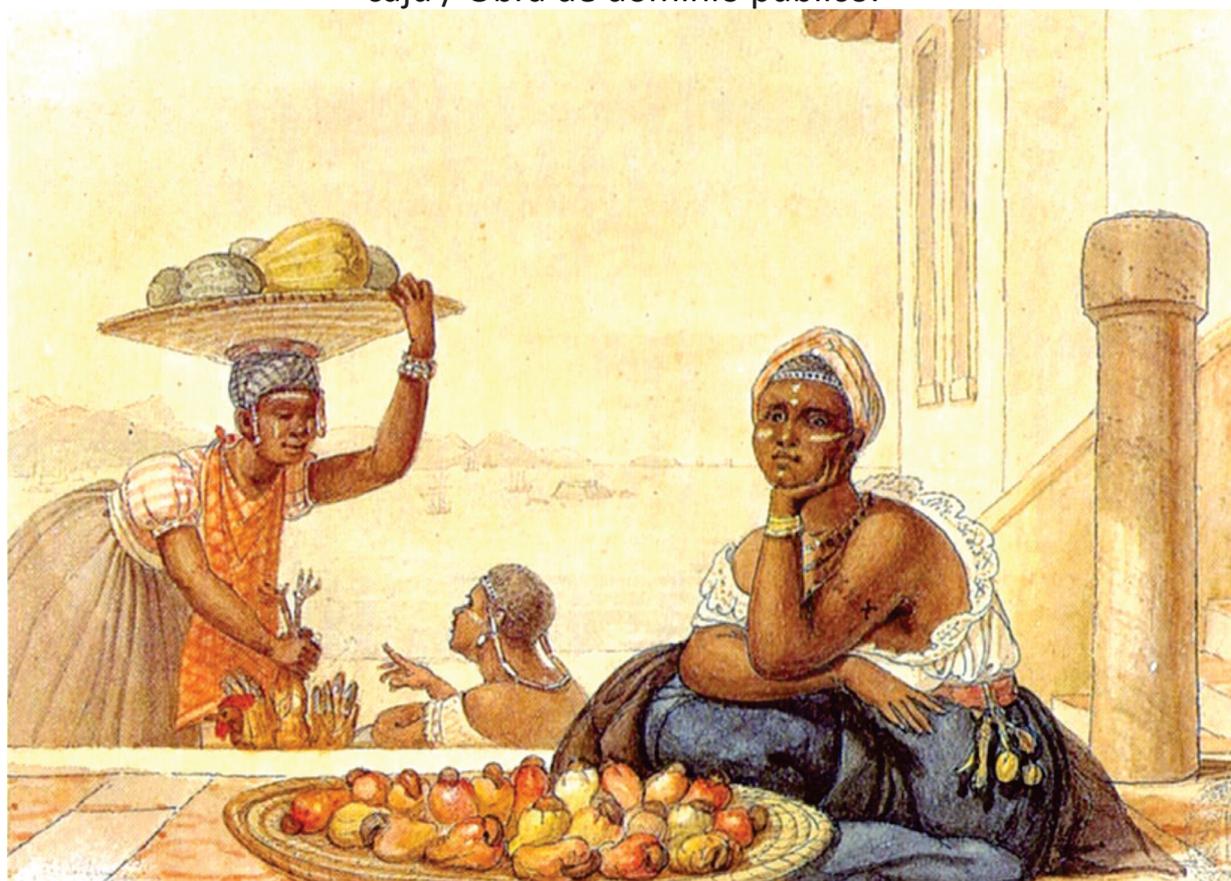
Fig. 03 Jean-Baptiste Debret / Obra – Barbeiros ambulantes/Obra de domínio público



.(FONTE: Jean-Baptiste Debret: 40 imagens para ver e baixar. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/2019/jean-baptiste-debret-40-imagens-para-ver-e-baixar/>. Acesso em 01 fev. 2021).

6. Escreva sobre o tipo de escravo de ganho que a imagem (Figura 03) representa:

Fig. 04 Jean-Baptiste Debret / Obra – Negra vendendo caju / Obra de domínio público.



(FONTE: Jean-Baptiste Debret: 40 imagens para ver e baixar. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/2019/jean-baptiste-debret-40-imagens-para-ver-e-baixar/>. Acesso em 01 fev. 2021).

7. Escreva sobre o tipo de escrava de ganho que a imagem representa (Fig. 04):

UNIDADE 4

RETRATOS DO BRASIL COLONIAL

Estamos estudando o período colonial da História do Brasil, que começa quando os portugueses no século XVI começaram a conquistar as terras indígenas com as expedições colonizadoras, iniciadas por Martim Afonso de Souza, quem funda em 1532 o primeiro núcleo de povoamento do Brasil, A Vila de São Vicente, no litoral de São Paulo.

Didaticamente, podemos organizar o período colonial de 1530 até 1822. No ano de 1822, ocorre a Independência do Brasil de seu país colonizador, Portugal. A partir de 1822, inicia-se o período imperial brasileiro (1822 – 1889). Em 1889, o Brasil deixa de ser um Império e passa a ser uma República.

O Brasil, desde o início do século XVI, foi colonizado pelos portugueses, esteve sob o jugo da sua metrópole Portugal. A Coroa portuguesa foi a responsável por administrar e controlar a vida e as riquezas da colônia Brasil. Do Brasil, durante o seu período colonial, explorou-se economicamente para exportação o pau-brasil, o açúcar e as riquezas minerais, como o ouro e o diamante.

Índios, negros escravos e brancos pobres tinham sua força de trabalho exploradas para manter os lucros colônias. Neste período, as elites brancas locais e os padres jesuítas tiveram um papel significativo para inculcar na vida colonial a forma de viver europeia. Mas os índios e os negros resistiram mantendo de forma significativa seus elementos culturais.

As elites brancas e europeias vêm, desde o século XVI, tentando impor suas regras e formas de viver de maneira informal e institucional, impondo a colonização aos povos conquistados.

...o conceito de colonização tem tanto o caráter de ocupação e cultivo de novos territórios como de domínio, exploração e instalação cultural, pois a cultura do colonizador é transposta para o novo território. Na maioria dos casos, entretanto, o território colonizado já está ocupado, com habitantes que possuem cultura e estruturas sociais próprias, o que pode dar margem a diferentes formas de contato e ao nascimento de novas sociedades. Não esquecendo, ainda, que a violência e o conflito estão, em geral, presentes na maioria dos processos de colonização, pois a fixação de uma cultura em território já ocupado gera não apenas a imposição de valores culturais, mas também o controle físico sobre os dominados e as resistências por parte destes.

(FONTE: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69.)

Quando falamos em História do Brasil colonial, são vários os temas ligados ao período. Vejamos alguns:

TABELA 01 – TEMÁTICAS DO BRASIL COLÔNIA

| | |
|----------------------------|--|
| Tratado de Tordesilhas | Invasão Holandesa |
| Exploração do Pau-Brasil | Invasão Inglesa |
| Expedições Exploradoras | Salvador como capital do Brasil Colonial |
| Expedições Colonizadoras | Rio de Janeiro como capital do Brasil Colonial |
| Capitanias Hereditárias | Exploração do ouro |
| Entradas e Bandeiras | Exploração de diamante |
| Governo Gerais do Brasil | Revoltas Nativistas |
| Engenho no Brasil Colonial | Inconfidência Mineira |

2. Vamos realizar a leitura do texto?

Ampliação das fronteiras

O Brasil não foi povoado pelos portugueses, mas sim, despovoado e, em seguida, repovoado. Esse processo, que se iniciou em 1500, ainda não terminou; ocorreu em ritmos diferentes, conforme as épocas e as regiões.

Como vimos, o despovoamento foi intenso, no século 16, em todo o litoral leste e nordeste. A partir do início do século 17, se expandiu no Norte, pelo Maranhão e pelo Pará, avançando pelo Rio Amazonas e por seus afluentes. Os agentes do sistema colonial – missionários, soldados e apresadores de índios – avançavam pela calha dos grandes rios em busca de riquezas, escravos e futuros cristãos.

O efeito mais importante desse processo, do ponto de vista populacional, foi o desaparecimento de inúmeros grupos indígenas que viviam nas regiões de acesso mais fácil.

A imensa população das margens do Rio Amazonas, por exemplo, estimada por alguns autores em 1 milhão de pessoas, entrou em rápido declínio. Em meados do século XVIII, largos trechos do rio já estavam desabitados.

A queda demográfica deve ter ocorrido também em regiões mais distantes, nas quais os colonizadores não conseguiram chegar.

Durante o século XVIII, se abriram no território brasileiro, novas frentes de colonização, afetando diretamente povos que até então estavam de certa maneira protegidos. O grande impulso para a interiorização nesse período se deveu à descoberta de ouro em Minas Gerais, Bahia, Goiás e Mato Grosso. A perspectiva de riqueza rápida produziu a primeira grande onda imigratória para o Brasil.

Entre 1700 e 1760, centenas de milhares de pessoas aqui chegaram, vindas de Portugal e das ilhas do Atlântico. No mesmo período, cresceu o número de escravos negros exportados da África para o Brasil.

Iniciava-se um longo processo de repovoamento do país, que se consolidaria com a imigração europeia do final do século XIX e início do século XX.

A abertura de novas fronteiras atingiu em cheio as populações indígenas do Brasil Central. Vários grupos que ainda hoje ocupam a região entraram em contato e em conflito com os invasores. A expansão da mineração em Goiás, por exemplo, enfrentou a resistência violenta dos Kayapó, dos Xavante e dos Karajá. A tática empregada pelos portugueses foi a mesma de outras áreas: dividir para reinar.

Os colonizadores utilizavam forças indígenas aliadas, conquistadas por meio de presentes e palavras, para atacar as que lhes eram hostis. Como no resto do país, a força das armas era acompanhada pela ação missionária, ora em contradição com a primeira, ora servindo aos mesmos propósitos.

A descoberta de ouro no interior do Brasil conduziu à reocupação do espaço por uma população não indígena. Houve diversificação das atividades econômicas nas principais áreas de extração.

A pecuária ganhou impulso com a descoberta de campos naturais no Maranhão, em meados do século XVIII. De lá, penetrou em direção ao Tocantins e a Goiás, dando origem a novas vilas e exercendo pressão sobre o território dos índios Timbira.

Esse processo prenunciava uma transformação das relações entre índios e brancos, que só se consolidou neste século, quando a apropriação das terras indígenas se transformou em um fator econômico mais importante que a apropriação do índio como força de trabalho.

(FONTE: FAUSTO, Carlos. História. Índios do Brasil 1. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. Brasília: MEC: SEED, 1999. p. 62-63.)

3. Tendo como referência o texto *Ampliação das Fronteiras*, responda:

a) Por que o autor afirma que o Brasil não foi povoado pelos portugueses, mas despovoado?

b) Quem são os agentes do sistema colonial e o que eles fizeram?

c) Qual foi o efeito mais significativo dos agentes do sistema colonial?

d) Para quais lugares do Brasil houve o movimento populacional no século XVIII?

e) Qual foi a riqueza encontrada no Brasil que impulsionou a onda migratória no século XVIII?

f) Em que período cresceu o número de escravos exportados da África para o Brasil?

g) O que aconteceu com as populações indígenas do Brasil Central em relação à abertura das fronteiras?

h) Quais povos indígenas resistiram ao processo de expansão da mineração em Goiás?

i) Qual a estratégia utilizada pelos colonizadores para conquistar o território indígena?

j) Escreva sobre o avanço da pecuária até Goiás.

4. Para conhecermos mais sobre a construção do Brasil e o avanço da colonização portuguesa nos espaços indígenas a partir das referências legais, vamos ler o texto: A construção do Brasil:

A construção do Brasil

A colonização portuguesa no Brasil só tinha dois mecanismos de inclusão da população indígena: a violência dos apesadores de escravos e a catequização missionária. Na segunda metade do século XVIII, o marquês de Pombal, ministro do rei português Dom José I, começou a perceber que, tanto como escravos quanto como membros das missões, os índios não se tornavam súditos leais de Portugal.

Achando que, para consolidar o domínio português no Brasil, seria necessário integrar os nativos à sociedade colonial, Pombal tomou uma série de medidas nesse sentido: proclamou a liberdade dos índios, insistiu na obrigatoriedade do uso da língua portuguesa, favoreceu os casamentos interétnicos e a mestiçagem, e transformou as aldeias missionárias em vilas administradas por representantes do Estado.

Uma de suas medidas de maior impacto foi a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759. Segundo Pombal, os jesuítas haviam formado um “Estado dentro do Estado”, não cumprindo sua função de transformar os índios em súditos do rei de Portugal.

Mas o ministro português não alcançou com isso seus objetivos: a partida dos missionários acabou estimulando expedições de apresamento, guerras contra grupos hostis e exploração crescente do trabalho indígena. As aldeias transformadas em vilas entraram em decadência em todo Brasil, em particular na Amazônia.

Porém, ao contrário do que pensava Pombal, estava de algum modo se formando uma sociedade colonial, na qual o índio genérico e desenraizado das aldeias missionárias se misturava com a massa de brancos e mestiços pobres, que formava o grosso da população rural livre da época.

Após a independência do Brasil, o problema entrevisto por Pombal – de constituir uma sociedade colonial identificada com o domínio português – se converteu em um problema do novo país. Tratava-se de saber como construir um país independente, em um território no qual boa parte da população vivia arredia nos matos (e outra parte vivia escravizada nos engenhos e fazendas).

(FONTE: FAUSTO, Carlos. História. Índios do Brasil 1. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. Brasília: MEC: SEED, 1999. p. 62-63.)

5. Responda às questões sobre o texto: A construção do Brasil.

a) Quais eram os dois mecanismos de inclusão da população indígena pela colonização portuguesa?

b) Quem foi Marquês de Pombal?

c) O que o Marquês de Pombal percebeu em relação aos povos indígenas?

d) Quais as medidas que Pombal tomou em relação aos índios no sentido de integrá-los à sociedade colonial?

e) Qual foi a medida de maior impacto causada por Pombal em 1759?

f) Por que Pombal não alcançou seus objetivos?

g) Como o índio foi incluso na sociedade colonial?

h) No cenário da Independência do Brasil, como viviam os povos indígenas?

UNIDADE 5

OS INDÍGENAS NO IMPÉRIO BRASILEIRO

O ano de 1808 marca a chegada da família real portuguesa ao Brasil. A transferência para o Brasil está relacionada ao conflito entre a Coroa portuguesa e o governo francês de Napoleão Bonaparte, o chamado Bloqueio Continental.

Com a instalação da família real na cidade do Rio de Janeiro, deu-se início ao Período Joanino, ocorrendo uma série de transformações na estrutura da cidade do Rio de Janeiro e em relação à economia e à política no Brasil. Essas transformações contribuíram para que o Brasil se tornasse independente em 7 de setembro de 1822.

A partir de 1822, instala-se o Império brasileiro. Este período é dividido em três partes:

| | | |
|-------------------------|-------------|---|
| 1º Império (1º Reinado) | 1822 – 1831 | Dom Pedro I |
| Período Regencial | 1831 – 1840 | Regência Trina Provisória (1831) Regência Trina Permanente (1831 – 1835) Regência Una de Feijó (1835 – 1837) Regência Una de Araújo Lima (1837 – 1840) |
| 2º Império (2º Reinado) | 1840 – 1889 | Dom Pedro II |

Vamos entender um pouco como a causa indígena era realizada durante este período Imperial regido pela Constituição de 1824, a primeira Constituição do Brasil.

Dentre muitos outros aspectos, o resultado, para os índios, da outorga de Dom Pedro I, foi o silêncio. Mas, embora a Constituição de 1824 nem mencionasse a palavra “índio”, não estava ele eliminado da sociedade brasileira. Daí a enorme quantidade de decretos, leis, avisos e legislações em geral que buscavam de toda forma dar conta dos problemas pontuais que surgiam a todo momento.

(FONTE: MACHADO, Marina Monteiro. A trajetória da destruição: índios e terras no Império do Brasil. (Dissertação) 137 f. Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense – UFF, 2006. p. 14).

Vamos realizar algumas atividades!

1. Em relação ao texto, embora a Constituição de 1824 não mencionasse a palavra índio, ele estava presente em quais documentos oficiais?

No documento histórico a seguir, escrito por José Bonifácio, em 1823, percebemos o olhar sobre a questão indígena de um dos principais personagens do Império brasileiro, considerado o Patriarca da Independência do Brasil:

Por causa nossa recrescem iguais dificuldades, e vêm a ser os medos contínuos, e arreigados, em que os têm posto os cativeiros antigos; o desprezo, com que geralmente o tratamos, o roubo contínuo das suas melhores terras, os serviços a que os sujeitamos, pagando-lhes mal, enganando-os nos contratos de compra, e venda, que com eles fazemos, e tirando-os anos e anos de suas famílias, e roças para os serviços do Estado, e dos particulares; e por fim enxergando-lhes todos os nossos vícios, e moléstias sem lhes comunicarmos nossas virtudes, e talentos.

(FONTE: ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil. Projeto apresentado à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa. 1823 In: MACHADO, 2006, p. 48.)

2. Escreva a seguir a sua interpretação sobre o texto de José Bonifácio:

Veja o que a autora Vânia Losada Moreira (2012) escreve sobre a História Indígena do Império:

Os constituintes de 1823 insistiram no argumento de que existiam, no território do Império, dois tipos diversos de índios, os “bravos” e os “domesticados”, e cada um deles exigia um enfoque político diferente. Em relação aos “bravos”, sugeriu-se que eles precisavam ser, primeiro, “civilizados” e integrados à sociedade para, depois, gozarem dos direitos políticos de cidadãos. Quanto aos índios “domesticados”, não se disse muito sobre eles na Constituinte. Mas o pouco discutido desenvolveu-se no sentido de considerá-los homens livres e nascidos no território brasileiro, por isso mesmo plenamente capazes de gozarem do título de cidadãos brasileiros. A política indigenista do Primeiro Reinado tampouco autoriza a afirmação de que os índios ficaram de fora do pacto político do período pós-Independência. Apesar de ter permitido bandeiras contra grupos indígenas considerados agressores, também mandou formar aldeamentos para outros considerados “selvagens”, mas não inimigos, e tratou como cidadãos certos grupos aldeados e avaliados como suficientemente “civilizados”, mandando regê-los segundo as leis ordinárias do Império.

(FONTE: MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os índios na história política do Império: avanços, resistências e tropeços. Revista História Hoje, vol. 1, nº 2 274. p. 270-274, São Paulo, dez. 2012, p. 273).

3.O texto fala sobre o que pensavam a respeito dos índios os Constituintes de 1823, ou seja, os deputados brasileiros que estavam escrevendo a Constituição, que foi outorgada pelo Imperador D. Pedro I em 1824. Sobre o texto, responda:

a) Quais os dois tipos diversos de índios apontados pela Constituinte de 1823?

b) Qual seria o tipo de política necessária para os “índios bravos”?

c) Qual seria o tipo de política necessária para os “índios domesticados”?

d) Como agiu a política indigenista do Primeiro Reinado?

Vejamos como a autora Marina Monteiro Machado (2006) destaca os motivos dos conflitos do século XIX entre índios e brancos:

Se até então índios e fazendeiros travavam lutas e alianças em torno da busca por mão-de-obra indígena, agora a preocupação central dos fazendeiros passa a dirigir-se para as terras que os índios ocupavam. Isto inclui não apenas as terras dos sertões, verificadas pelos índios errantes, mas também terras de aldeamentos, que até então haviam recebido alguma garantia da Coroa.

(FONTE: MACHADO, Marina Monteiro. A trajetória da destruição: índios e terras no Império do Brasil. (Dissertação) 137 f. Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense – UFF, 2006. p. 69).

4. Durante o período colonial, a preocupação central dos fazendeiros era usar a mão-de-obra indígena em suas terras. Qual era a preocupação central dos fazendeiros durante o Império?

5. Seu povo tem sofrido conflitos atuais em relação a tentativas de invasão do território indígena? Explique-os.

6. Leia o texto e responda às questões a seguir:

A questão da demarcação das terras indígenas vem a ser um dos grandes problemas do século XIX. Sem dúvida, o fato de a demarcação jamais ter efetivamente ocorrido foi um ponto fundamental para que os fazendeiros pudessem usurpar terras indígenas, sem que muito se pudesse fazer, uma vez que não havia dados da demarcação. Também não se pode crer facilmente que o Império buscou impedir a atuação dos fazendeiros sobre posses indígenas, já que a própria ausência de demarcação foi resultado da ação do Governo.

(FONTE: MACHADO, Marina Monteiro. A trajetória da destruição: índios e terras no Império do Brasil. (Dissertação) 137 f. Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense – UFF, 2006. p. 71).

a) Houve demarcação de terras indígenas durante o Império brasileiro?

b) Não havendo demarcação de terras, o que os fazendeiros fizeram com as terras indígenas?

c) O governo de D. Pedro I, ou seja, do Império brasileiro realizou alguma política que impedisse a invasão de terras indígenas?

d) Depois de ter estudado sobre as questões indígenas do período Colonial e Imperial do Brasil, quais foram os avanços em relação às questões indígenas?

6. Leia os dois textos a seguir e, após cada um deles, realize desenhos que possam ilustrá-los:

É necessário ainda reconhecer a existência dos índios em toda a história do Brasil, desde sua descoberta até os dias de hoje. Percebê-los em seus diferentes momentos e temporalidades históricas, diversas vezes transformados pelos elementos culturais de cada época, com o convívio de valores diferentes.

(FONTE: MACHADO, Marina Monteiro. A trajetória da destruição: índios e terras no Império do Brasil. (Dissertação) 137 f. Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense – UFF, 2006. p. 128).

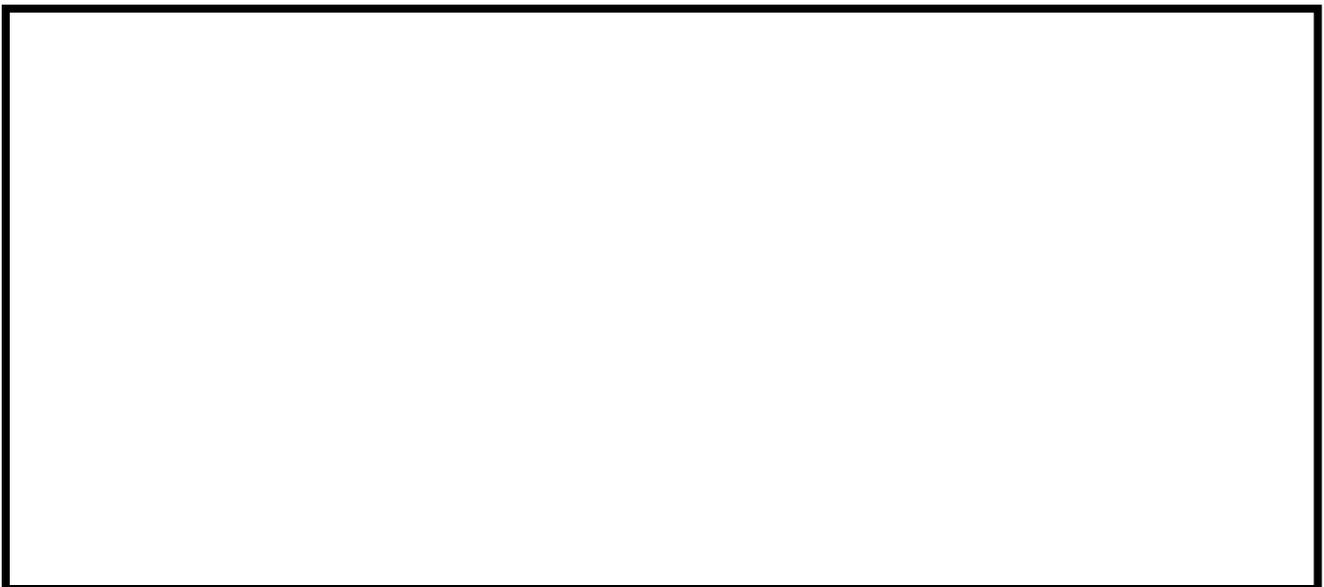
a) Faça o desenho sobre o texto:



Ao invés de vítimas passivas de um processo de perdas culturais sucessivas que os conduzia inevitavelmente à extinção étnica e cultural, os índios inseridos no império colonial português e, mais tarde, no império brasileiro, podem ser vistos como agentes sociais ativos neste processo. Sem desconsiderar a extrema violência, os imensuráveis prejuízos e a altíssima mortalidade causados aos índios pela conquista e colonização, é possível perceber, por meio da documentação interpretada à luz das novas concepções interdisciplinares, que os índios foram também agentes de seu processo de metamorfose e encontraram diferentes meios de rearticular suas culturas, identidades e histórias para sobreviverem às diversas relações de contato que estabeleceram na colônia e no império.

(FONTE: ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Índios. Glossário de História Luso-brasileira, 2017. Arquivo Nacional. Disponível em: http://www.historia-colonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3234&Itemid=355. Acesso em: 03 fev. 2021)

b) Faça o desenho sobre o texto:



Para saber mais sobre o Império brasileiro, assista: História do Brasil por Boris Fausto (2/7) - Império <https://www.youtube.com/watch?v=ZCehB-MkfCZw>

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena Fontes. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Índios**. Glossário de História Luso-brasileira, 2017. Arquivo Nacional. Disponível em: http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3234&Itemid=355. Acesso em: 03 fev. 2021.

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. **Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil**. Projeto apresentado à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa, 1823.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BIOGRAFIA. **Michaelis**. Dicionário brasileiro de língua portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/biografia>. Acesso em: 14 jan. 2021.

CHUE, Saturnina Urupe. **Artesanato do povo Chiquitano**. Cáceres: Unemat Editora, 2013.

FAUSTO, Carlos. História. **Índios do Brasil 1**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. Brasília: MEC: SEED, 1999.

JEAN-BAPTISTE DEBRET: 40 imagens para ver e baixar. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/2019/jean-baptiste-debret-40-imagens-para-ver-e-baixar/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

KEZO, Luciano Ariabo. Revendo a historiografia do Brasil. **Letra indígena**. n. 8. v. 1, 2014. São Carlos: Universidade Federal de São

Carlos, Laboratório de Linguagens, 2014.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Prólogo.

MACHADO, Marina Monteiro. **A trajetória da destruição: índios e terras no Império do Brasil**. (Dissertação) 137f. Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense – UFF, 2006.

MAMPUCHE, Edivaldo Lourival. **Catálogo da cultura do povo indígena Irantxe/Manoki: artesanatos e pinturas corporais**. Cáceres: Unemat Editora, 2013.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os índios na história política do Império: avanços, resistências e tropeços. **Revista História Hoje**, vol. 1, nº 2 274. p. 270-274, São Paulo, dez. 2012.

NORA, PIERRE. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Luiz Carlos. Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v. 8 n .16. p. 107-142. mar/ago. 1988. p. 107-108.

VALADÃO, Virgínia. **Índios do Brasil 2**. Secretaria de Educação a Distância, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC: SEED: SEF, 2001.

BIOGRAFIA DO AUTOR



Carlos Edinei de Oliveira é graduado e mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT; Professor e pesquisador nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Licenciatura Intercultural Indígena e dos Programas de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória e do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural. É membro do comitê gestor da Rede de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação das Regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil e América Latina – Reconal-Edu. Membro, também, do Núcleo de Estudos de Educação e Diversidade.



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

